APLAUSO

ANO II Nº 3

guia de teatro

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Celso André e Silvio Kaviski em

A Vida é Sonho

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Claudia Abreu, Julia Lemmertz e Maria Padilha ● Eri Johnson e José de Abreu ● Gerald Thomas ● Jorge Fernando ● Paulo Autran ● Tônia Carrero e Walmor Chagas ● Vera Fischer

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

BASTIDORES

O novo teatro

Por onde quer que eu passe, seja a Polônia ou o Brasil, sempre ouço as mesmíssimas perguntas: "Como está o teatro?" ou "O teatro vai sobreviver à virada do milênio?". São perguntas que podem levar a tristes conclusões. A realidade do teatro hoje carece de um pensamento que acompanhe a rapidíssima evolução física e metafísica das outras artes. Este século foi magnífico em destruir a inocência da sociedade que cobrava da arte algo divino. É um século que criou linguagens sofisticadas, códigos impenetráveis, discussões formais a respeito do próprio gesto artístico. E questionou tudo, analisou pedaço por pedaço para justificar a necessidade de se ter arte, qualquer arte. E o teatro?

O problema do teatro reside no fato de ter largado essa corrida por uma "verdade", qualquer verdade. Existem revolucionárias exceções, claro. Mas no que diz respeito à "necessidade" de se ter e fazer teatro, as justificativas que mais ouço são baboseiras do tipo "faço teatro por paixão" ou "quero passar emoção".

Também ouço atrocidades daqueles que insistem em classificar o teatro como arte realista ou não realista, "da palavra", "da imagem". É a eterna insistência nos conceitos mortos. Mas nem tudo esta perdido. Um novo milênio vem aí. Algo haverá de mudar.

Acho que o teatro só continuará a existir — em qualquer milênio — se tomar consciência de que a arte nasce da insatisfação e da vontade de revolucionar o que está em volta. Só voltará a ser vital quando se reinventar e queimar as regras bobas que o regem.

Nesses últimos anos que fecham o milênio, estamos praticamente liberados da responsabilidade histórica de seguir as tradições. Estamos livres para experimentar tudo novamente.

O teatro existirá sempre, porque o teatro é tudo. Eis a resposta que eu não tenho tido a coragem de dar. O teatro é, e será sempre, a soma de todas as artes, a obra de arte total.

Gerald Thomas, janeiro/fevereiro de 1999

Festa no Céu

Sapo pode ensinar Matemática? Sapo voa ou adora canto lírico e por isso se esconde no violão de um urubu (disfarçado de tucano-arara) só para entrar em uma festa no paraíso? Depende do sapo... No caso do sapo inventado pela autora e diretora Karen Acioly, pode tudo isto e muito mais, como se apaixonar perdidamente por uma saracura. É este, em resumo, o enredo do delicioso espetáculo infantil *Festa no Céu*, apresentado no Centro Cultural Light — sábados e domingos às 16 horas, senhas a partir das 14 horas, com entrada franca.

Número, Faz Favor? em CD

A garotada que há mais de sete meses vem se divertindo com o musical *Número, Faz Favor?*, em cartaz aos sábados no Museu do Telephone, às 16h30 e com entrada gratuita, agora pode levar parte da peça para casa. Acaba de ser lançado o CD com as canções do espetáculo, escrito por Eliana Caruso e Cacá Mourthé. A peça conta a história de duas telefonistas do início do século, época em que Pereira Passos era prefeito. Ricardo Mansur assina o disco, vendido no Museu do Telephone, rua Dois de Dezembro, 63, Catete, fone 556-3189. Preço: R$ 10.

Jogos

Acaba de ser lançado um livro que pode mudar a sua vida — ou pelo menos torná-la mais divertida: *200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não Ator*, de Augusto Boal, editado pela Civilização Brasileira. O livro tanto pode ser utilizado por estudantes de teatro e profissionais do palco quanto por pessoas que curtam exercitar sua sensibilidade. E sempre de um jeito leve e agradável.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Cruz Lima, 19/401, CEP 22230-010, Rio de Janeiro, RJ. Fones: (021)557-5239 e (021)285-4342. E-mail: aplauso@nutecnet.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Lionel Fischer e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Marco Antônio Gambôa

Paulo Autran

Com o coração na boca

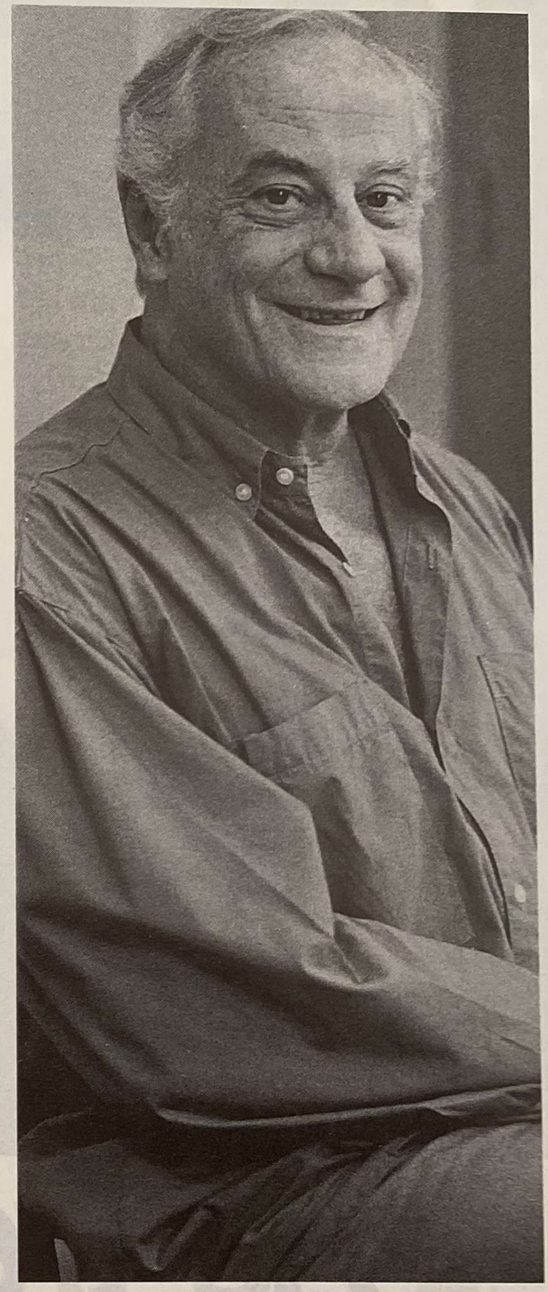
Sempre ridicularizei o sentimentalismo. Com a idade a gente vai se modificando. Alguns velhos tornam-se amargos ou intolerantes, outros pessimistas e agressivos. Eu estou ficando cada vez mais sentimental e me sinto um pouco ridículo por isso.

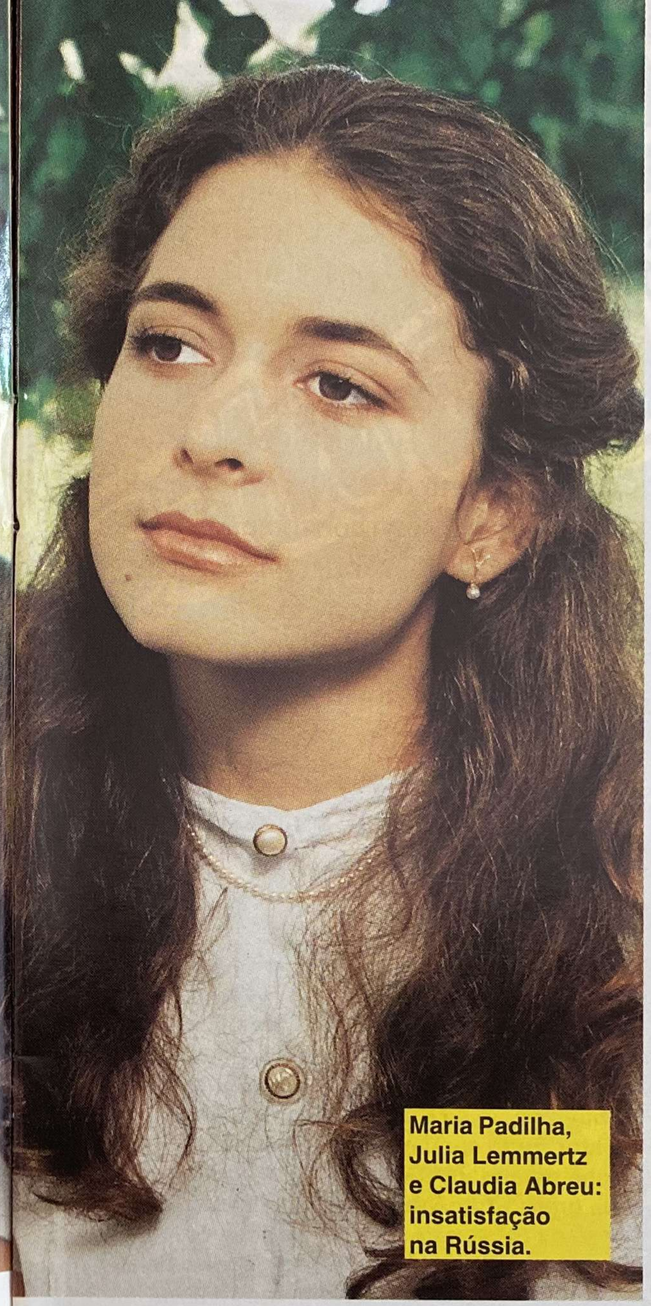
Recentemente, falando para estudantes de teatro no Festival de Florianópolis, senti-me comovido ao comentar o número cada vez maior de jovens que a cada ano saem dos cursos e das escolas de teatro e ingressam ou tentam ingressar na profissão. Aquelas carinhas interessadas e ansiosas que lotavam o teatro à espera de ouvir talvez a "palavra definitiva" sobre nossa profissão me emocionaram profundamente. A angústia de saber que não existe a "palavra definitiva", que não existe a "chave", potencializava minha emoção.

Contei-lhes que assisti na década de 50 a uma palestra de Jean-Louis Barrault em que ele repetia inúmeras vezes: "Le théâtre c'est l'amour" e que na ocasião achei sua afirmação um pouco sentimental demais.

Perguntaram-me, então, qual a minha definição para teatro. Comentei várias definições, inventei algumas, falei de outras coisas, falei muito sobre o teatro em geral - as perguntas choviam!. Mas o tempo ia se esgotando e, de repente, com o coração na boca, confessei:

"Hoje, para mim, e digo isso convictamente, a única definição possível é: teatro é amor".





Maria Padilha, Julia Lemmertz e Claudia Abreu: insatisfação na Rússia.

Fotos: Divulgação

As três irmãs

por Lionel Fischer

Cazuza dizia que o tempo *não pára*. Já Tchecov sugere, ao menos em *As Três Irmãs* — capa do nº 1 de ***Aplauso*** — que de certa maneira ele *não passa*. E o que pensa o encenador Enrique Diaz, 31 anos, responsável por essa nova versão do texto, em cartaz no Teatro do Leblon? "O texto permite muitos enfoques, mas é evidente que a peça mostra o tempo em movimento. Os personagens vivem fazendo alusão aos dias, horas, clima e estações. E essa permanente alteração é determinante nas relações e sentimentos que se estabelecem". A história é sobre três irmãs russas que sonham em deixar uma pequena vila e voltar para Moscou.

Diaz acredita não apenas que o tempo passe, mas que também exerça grande influência sobre os personagens. E quanto à mediocridade que domina aquelas vidas, impregnadas do mais absoluto tédio?

"Também não acho que o autor tenha se proposto a escrever sobre a mediocridade. Ele apenas coloca o ser humano diante de si mesmo. Se as irmãs só conseguem acreditar que a felicidade está em outro lugar, é problema delas. E nosso também, pois quase sempre vivemos em função do passado — que já não existe — ou de um hipotético futuro, que também é impalpável. Mas raramente nos dispomos a enxergar aquilo que de fato importa, o nosso presente, porque de certa forma isso nos obrigaria a agir. A peça é uma espécie de autópsia. Pouco a pouco, as máscaras vão caindo e revelando camadas ocultas. É como se os personagens fossem se desnudando progressivamente, até ficarem nus com a sua realidade objetiva. E essa descoberta é importantíssima, o que descarta a tradicional visão pessimista que se tem do texto".

Vale conferir. Principalmente lembrando-se de que Enrique Diaz (diretor da Cia. dos Atores, fundada em 88) continua fiel à sua postura de investigar novos cami-

nhos. O grupo obteve uma infinidade de prêmios com *Melodrama* (95/96). Em contrapartida, duas montagens anteriores da Cia. (*A Bao A Qu* e *A Morta*), assim como a recente *Cobaias de Satã*, geraram apaixonadas polêmicas.

A cenografia

Considerado um dos maiores cenógrafos brasileiros, Hélio Eichabuer formou-se em Praga. Já fez em torno de 130 cenografias, com destaque para *O Rei da Vela*, *Álbum de Família* e *O Percevejo*. Agora, o profissional está envolvido com o delicado e complexo universo tchecoviano:

"Minha concepção é abstrata, com predominância do cinza. Apenas os móveis de época são plenamente reconhecíveis. No mais, existem cortinas, janelas e painéis que correm numa ambientação impressionista. Fiz questão de um espaço discreto, já que o essencial em Tchecov é o trabalho do ator", diz.

Os figurinos

Integrante da Cia. dos Atores desde sua fundação, a partir de 1990 o ator Marcelo Olinto abriu um novo horizonte e também começou a atuar como figurinista. Em *As Três Irmãs*, o processo incluiu um estudo da época e das influências asiáticas na cultura russa. Depois, foram retirados os excessos. "Sem perder o clima da belle époque, estamos levando em conta que o espetáculo é feito aqui e será assistido por brasileiros", diz Marcelo. ❖

As protagonistas

Maria Padilha *(Macha)*
"O que mais me fascina em Macha é sua trajetória: no início, mal casada, sozinha e infeliz. Depois, ela se apaixona. Mais adiante, esse amor se consuma. No final, a grande perda. É como se fosse um ciclo. Mas também adoro uma espécie de incompatibilidade crônica que ela tem com todo mundo: se as pessoas estão alegres, ela está triste ou vice-versa. Além disso, fazer um texto tão complexo é um desafio muito estimulante".

Julia Lemmertz *(Olga)*
"Aparentemente, Olga é uma mulher apenas pragmática. Sendo a mais velha, foi condicionada a segurar as barras e agir como uma espécie de pára-raio para as emoções da família. Mas também tem suas carências, e a permanente dor de cabeça que sente é um sintoma claro de que algo a incomoda. O que seria? Somente o desejo de retornar a Moscou? Acho que não. É provável que ela chore muito no quarto, à noite, quando está sozinha".

Claudia Abreu *(Irina)*
"Este é o meu primeiro Tchecov. Todos os seus textos possuem grande beleza, inclusive os contos e peças curtas. Ele não tem nada de tedioso, conforme às vezes se afirma. E está sendo muito estimulante trabalhar com o Diaz, que valoriza o jogo do ator. Tudo com muita simplicidade. Minha personagem é fascinante, sobretudo pela grande transformação que ela sofre ao longo da peça, com muitas nuances de sentimento. No final, seu grande sonho de se realizar através do trabalho — ela sempre diz que o trabalho deve dar prazer — acaba não acontecendo e Irina é forçada a se resignar. É um papel lindo".

Louise Cardoso e
Cristina Pereira em
salve amizade
texto e direção
Flávio Marinho
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
promoção
MULT SHOW
CANAL GLOBOSAT
até 12 de fevereiro
com
Giuseppe Oristânio e Cláudia Mauro
ator convidado
Paulo César Grande
de 5ª a sábado – 21.30h domingo – 20.30h
5ª e domingo – R$ 15,00 6ª e sábado – R$ 20,00
Teatro da Lagoa
Av. Borges de Medeiros, 1.426 Informações e reservas: 219 3102

Peça inédita no Brasil de Albee estréia no CCBB com Tônia Carrero e Walmor Chagas

Um Equilíbrio Delicado

Foto: Ana Branco/Agência O Globo

O primeiro Albee a gente nunca esquece? Depende. Walmor Chagas recorda até hoje, e com prazer, a montagem *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*, que protagonizou ao lado da mulher, a inesquecível Cacilda Becker. Já Tônia Carrero, fazendo o mesmo texto e tendo como parceiro Raul Cortez, pediu rápida substituição ao diretor Antunes Filho. "Aquele universo realista não era a praia do Antunes", afirma. E agora Walmor e Tônia estão juntos pela primeira vez num palco e em outra peça de Albee, *Um Equilíbrio Delicado*, que ganha sua primeira versão nacional assinada por Eduardo Wotzik. Completando o elenco, Clarice Niskier, Camilla Amado, Ítala Nandi e Luís de Lima.

Um dos mais respeitados dramaturgos de seu país (*A História do Zoológico*, *Um Sonho Americano*, *Três Mulheres Altas* são suas peças mais importantes, além das já citadas), em *Um Equilíbrio Delicado* Albee propõe uma instigante reflexão sobre a sociedade americana. "O autor denuncia a sordidez do capitalismo, que prioriza o sucesso individual e destrói a solidariedade entre as pessoas. Outro aspecto interessante é a ênfase no matriarcado, o que pressupõe uma óbvia crítica ao machismo", diz Walmor, que veste a pele do rico e influente Tobias — poderoso em sua relação com o mundo, mas inteiramente dominado pela esposa Agnes, personagem de Tônia. "Ela é na verdade um sistema, uma organização. Conduz com mão firme os rumos da família, tentando evitar sua desagregação", afirma a atriz, completamente encantada com a personagem.

Quem também está encantado é Wotzik. "Diante de uma peça como essa é que você percebe o que é dramaturgia. Tudo se entrelaça e faz sentido. Tanto o caráter dos personagens como as suas relações são trabalhados de forma irretocável". E quanto a dirigir atores de escolas e gerações tão diferentes? "Foi ao mesmo tempo assustador e fascinante. Mas acho que esse é um dos caminhos indispensáveis para o teatro, a mescla de experiências e formações tão diversas. Se você consegue criar um equilíbrio entre todos os participantes, tarefa às vezes muito delicada, o resultado pode se tornar inesquecível". ❖

Os outros personagens

Júlia *(Clarice Niskier)* — filha de Agnes e Tobias, é especialista em relações amorosas fracassadas, e sempre procura a proteção da mãe.

Claire *(Ítala Nandi)* — irmã de Agnes, alcoólatra, parece gostar de ser reprimida. Mas tem uma percepção aguda da realidade e muitos a encaram como o alter-ego do autor.

Edna *(Camilla Amado)* e Harry *(Luís de Lima)* — formam um casal em pânico, alegando que o mundo está completamente arruinado. Chegam em busca de segurança e não se mostram dispostos a voltar para casa.

Silvio Kaviski é o príncipe Segismundo. Maurício Grecco faz o bufão da corte, Clarim.

Fotos: Marco Antônio Gamboa

A Vida É Sonho

Gabriel Vilella mostra nova versão da obra-prima de Calderón de la Barca

por Mônica Fernandes

La Barca com toques mineiros? Totalmente inesperado, mas pode acontecer. Há outras surpresas nessa nova montagem de *A Vida é Sonho*. O diretor mineiro Gabriel Villela armou uma lona invisível no palco do Teatro Glória para encenar a peça mais conhecida do espanhol Pedro Calderón de la Barca, numa leitura que vira do avesso a anterior, realizada em 1991. Misturando a magia do circo e o teatro de rua, a montagem é a primeira do encenador no espaço recém-reformado que administra — o Glória integra a rede de teatros da Secretaria Municipal de Cultura.

O barroco mineiro é a fonte de inspiração de Gabriel para contar de forma lúdica a história de amor e ódio, sonho e realidade, escrita por la Barca em 1635. E dentro de um verdadeiro *caldeirão cênico*, o diretor — também cenógrafo e figurinista da montagem — lança mão de brincadeiras infantis, música cigana e até de um curral trazido de Minas para servir de alegoria à torre que aprisiona o príncipe Segismundo, figura central da peça. "O teatro para mim é um ritual", define Vilella, 38 anos de idade, nove de carreira e mais de 100 prêmios conferidos a ele e aos profissionais que participaram de espetáculos como *Torre de Babel*, *Ventania*, *Romeu e Julieta* e *A Rua da Amargura*, as duas últimas com o Grupo Galpão, de Minas.

"Trato o homem como fera"

Para materializar seu novo ritual, Gabriel testou 78 atores e elegeu dez para viverem os personagens, inclusive os femininos. Segundo ele, a idéia é fazer referência aos teatros grego e elizabetano, onde mulheres eram cartas fora do palco. "A primeira montagem foi muito re-

ligiosa e tratei a mulher através da beleza. Agora, trato o homem através da fera". Mas nem todo esse universo é masculino. Gabriel foi buscar em Carmo do Rio Claro, sua cidade natal, a prima Nábia Villela. Ao vê-la cantando na festa de aniversário da cidade, na boléia de um caminhão, o diretor ficou encantado com a garota de 18 anos, secretária de uma funerária, cuja voz afirma seduzir gente como Wally Salomão e Maria Bethânia. "Ela vai simbolizar a Polônia, país onde se passa a trama. Nábia é um diamante em estado bruto".

Antes das cortinas se abrirem, Nábia canta durante quatro minutos e, em cena, conduz a trilha seguida pelo elenco, que vai entoar canções de ciganos iugoslavos e versões dos clássicos sertanejos *Luar do Sertão* e *Ave Maria do Sertão*. "Essas músicas serão cantadas de trás para frente. Mas não se trata de inventar um novo idioma: a idéia é apenas aproximá-las do lamento das canções ciganas iugoslavas", explica o diretor, que contou com a colaboração da professora Babaia na pesquisa de repertório e preparação vocal do grupo, todos cantando à capela.

Como de hábito pouco interessado em manter fidelidade absoluta aos originais que encena, Gabriel se permitiu várias licenças nesta montagem. Entre elas, a personificação da sombra e da luz (que evocam o real e o imaginário), a inserção de textos de outras peças de Calderón e também a materialização do eco de Segismundo, por acreditar na universalidade do pensamento do príncipe.

O enredo

Ambientada numa Polônia fictícia, a peça conta a história do príncipe Segismundo, preso ao nascer na torre do palácio. Uma previsão apontava que o herdeiro do rei se tornaria um tirano caso assumisse o trono. Um dia, tendo que escolher seu sucessor, o rei Basílio resolve dar uma chance ao filho, então com 20 anos, que faz valer a profecia — e volta a ser aprisionado. Mas o trono também é disputado pelo vilão Astolfo, vivido pelo ator Maurício Souza Lima. "Ele é um vilão circense, que mostra toda a ambição do ser humano", explica. Segismundo, por sua vez, foi construído a partir da simplicidade. "Como foi criado longe de tudo, ele é primitivo e, por isso, simples", diz o ator Silvio Kaviski.

Cenografia e Figurinos

A montagem se passa em dois ambientes: a torre e a corte. O curral, que abre e encerra a peça, simboliza a torre e é uma referência aos chamados "los currales", espaços onde o teatro profano era encenado na Espanha do século 17. A corte é formada por cinco passarelas montadas sobre balaios, retiradas de cena de acordo com o desenrolar da trama. Para os figurinos, Gabriel partiu de retalhos e saris indianos, túnicas formadas no momento em que são vestidas pelos atores — eles, entre outras proezas, participam de corridas de saco e brincam de estátua. Irreverência ou brincadeira? "Jamais vou abrir mão de minha alma de criança", diz Gabriel. ❖

Polônia, vivida por Nábia Villela, "diamante em estado bruto". Ao lado, Segismundo.

Os personagens

Rei Basílio (Celso André) — pai de Segismundo e tio de Astolfo e Estrela, que desejam o trono.
Príncipe Segismundo (Silvio Kaviski) — herdeiro natural do trono, vive encarcerado durante 20 anos. É levado dormindo para a corte a pedido do rei: ele quer certificar-se se o filho é ou não um déspota.
Astolfo (Maurício Souza Lima) — duque de Moscou, vai à Polônia reivindicar o trono, sem saber da existência do príncipe. Arquiteta um plano para se casar com Estrela e tornar-se rei.
Estrela (João Petry) — sobrinha de Basílio. No original, ela seria da corte da Polônia, mas Vilella criou para ela o Condado Portucalense. Ou seja: Estrela pertence à corte de Portugal.
Clotaldo (Wagner Miranda) — nobre da corte, amigo do rei, é o guardião de Segismundo, a quem ensina História e Ciências. É a única pessoa a quem o príncipe tem acesso.
Rosaura (Fabiano Medeiros) — nobre da corte de Moscou, foi desonrada por Astolfo e o segue quando ele vai para a Polônia, onde se apaixona perdidamente por Segismundo.
Clarim (Maurício Grecco) — criado de Rosaura, era bufão da corte de Moscou e torna-se bufão da corte da Polônia.
Eco de Segismundo (Alcemar Vieira) — criado pelo diretor, repete algumas falas do príncipe.
A Sombra (Rogério Faria) e **A Luz** (Sérgio Abreu) — personagens também inventados pelo encenador, evocam o real e o imaginário.
Polônia (Nábia Vilella) — fio condutor da peça, não possui função dramática.

O autor

O espanhol Pedro Calderón de la Barca (1600-1681) é o principal nome do teatro barroco e considerado o sucessor de Lope de Vega. Suas principais características são a reflexão, a fusão do drama e da poesia, a perfeição estrutural e uma cenografia espetacular. Em sua fase mais madura, Calderón mistura o poético e o alegórico, enfatizando as idéias religiosas e filosóficas do Barroco. Autor de dezenas de textos, os mais conhecidos e representados são *A Vida É Sonho, O Mágico Prodigioso* e *O Grande Teatro do Mundo.*

A volta da gata

Vera Fischer retorna ao Rio com Gata em Teto de Zinco Quente, em temporada popular.

Por Dalila Magarian

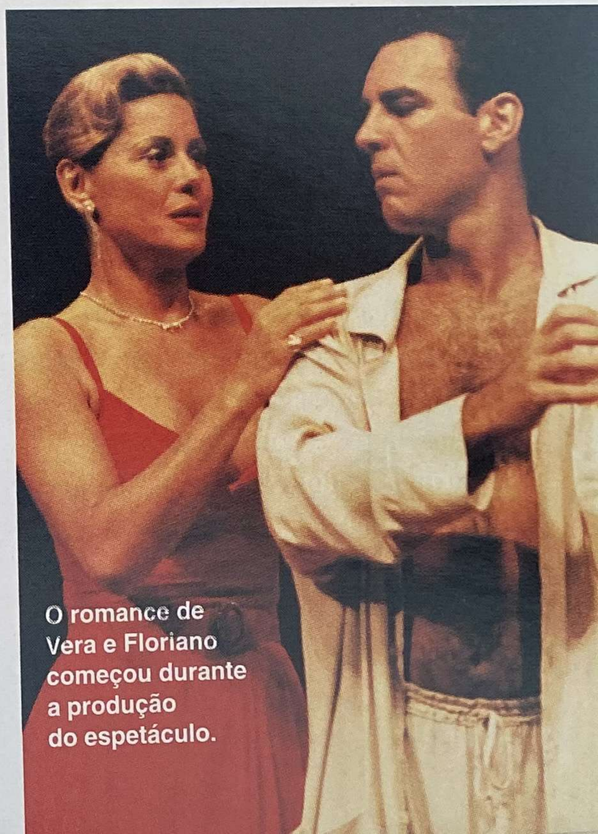
No ano passado, Vera Fischer interrompeu a temporada carioca no meio, deixando para trás um teatro lotado e fãs ansiosos para ver sua versão de *Gata em Teto de Zinco Quente*, de Tennessee Williams. Com a re-estréia, a atriz afirma que sua intenção sempre foi colocar em dia sua dívida com o público. "Estou muito feliz e tranqüila com a volta do espetáculo à cidade, e desta vez espero que todos tenham a oportunidade de assistir ao trabalho", afirma Vera, que escolheu exatamente a mesma época do ano passado para seu retorno ao Rio de Janeiro. A diferença, este ano, é a decisão de realizar uma temporada de dois meses a preços populares no teatro Carlos Gomes, com ingressos de R$ 10,00 e R$ 15,00. "Teatro é a comunicação direta entre contadores de história para ouvintes de histórias, com pura energia. Quanto mais gente puder ouvi-las, melhor", disse ela, com exclusividade para **Aplauso**.

Depois de recuperar-se de uma cirurgia na garganta e de superar problemas pessoais em 98, Vera Fischer garante estar em plena forma. Acaba de encerrar uma turnê que incluiu passagens por 15 cidades, apresentando-se na capital e interior de São Paulo, Joinville, Recife, Uberaba e Belo Horizonte. Reencontrou-se também com o público de Blumenau (SC), cidade onde nasceu, para uma apresentação única. Depois do Rio, a peça novamente entrará em turnê.

Planos não faltam à Vera, que também pretende retornar à televisão para estrelar, em breve, uma das duas minisséries da Rede Globo, dirigidas por Wolf Maia e Roberto Talma. Mas neste momento seu principal foco de atenção é *Gata em Teto de Zinco Quente*, adaptada especialmente para ela pelo roteirista Marcos Ribas. Embora acompanhe a versão original, o novo texto foi redirecionado principalmente para o personagem feminino central —Meg—interpretado por Vera Fischer. "É um pouco diferente do filme, que tinha como condutor o personagem estrelado por Paul Newman", explica Vera. Apesar de forte e emocional, a atriz nega ter escolhido o texto por possíveis semelhanças entre o personagem e sua própria personalidade. "Sempre fui fascinada por esse texto, mas um ator não escolhe um personagem por ser igual a ele, mas por admirá-lo muito", diz ela, que permanece durante 1hora e quarenta minutos no palco.

Além do talento e do carisma de Vera Fischer, o público também poderá conferir sua nova silhueta, com 13 quilos a menos — os figurinos foram refeitos por Kalma Murtinho. Há ainda uma mudança no elenco que se apresentou no Rio no ano passado — a atriz Betty Erthal substitui definitivamente Guida Viana, que não chegou a acompanhar a recente turnê do espetáculo por ter outros compromissos profissionais. O restante do elenco permanece inalterado, com Floriano Peixoto, Ivone Hoffman, Mário Borges, Marcos Matheus e Ítalo Rossi.

Se ainda não assistiu, corra! ❖



O romance de Vera e Floriano começou durante a produção do espetáculo.

Fotos: Chico Lima

BOOm

Jorge Fernando vira médium em comédia de Luís Carlos Góis

Por Lionel Fischer

Ele faz uma portuguesa, dubla Maria Callas, incorpora um cinéfilo que causa pânico nos cinemas gritando "olha o fogo!", dá vida a um sujeito que não pára de comer, reclama que está engordando e até dança can-can! Pode tudo isso e muito mais numa mesma peça? Pode, ele é um médium! É este o papel de Jorge Fernando na comédia *Boom*, de Luís Carlos Góis, em cartaz no Teatro dos Grandes Atores, na Barra. O espetáculo, dirigido por Marcus Alvisi, conta ainda com a participação de Marcello Barros e Carolina Rebello.

Com mais de duas décadas de atividade em várias frentes — fez inúmeros trabalhos como ator e diretor, tendo recentemente estrelado *No Escurinho do Cinema*, do mesmo autor de *Boom* —, atualmente Jorge Fernando se divide entre o palco e a direção do *Vida ao Vivo Show*, programa da TV Globo com Luiz Fernando Guimarães e Pedro Cardoso. Dá para conciliar numa boa? "É uma loucura, pois além de dirigir o programa eu também respondo por um dos núcleos de criação da Globo. Mas como adoro o que faço e faço tudo no maior alto astral, as coisas sempre rolam de forma eficiente e prazerosa para todos".

E é o que se pode esperar do tal médium — momentos eficientes de riso e prazer. "Ele é um charlatão de circo dos anos 40 e dirige uma seita chamada *Ele Perdoa, Perdoa Sim, É Claro que Ele Perdoa*. Consegue ler coisas incríveis, como cabelos e tecidos. E não tem controle sobre seus poderes: ao pegar uma banana, por exemplo, ela frita imediatamente e já vem pronta com canela. Na verdade, tanto esta comédia rasgada como o meu personagem, o Professor Rebello, são presentes do Luís Carlos, autor com quem tenho a maior afinidade. Além disso é um grande amigo".

Bem, se o assunto é amigo, vamos a outro: o diretor Marcus Alvisi. Ator em quatro espetáculos dirigidos por Jorge Fernando (*Divina Chanchada, A Receita do Sucesso, Candido* e *As 1.001 Encarnações de Pompeu Loredo*), agora os papéis se invertem. "Como intérprete, eu me defino como *um ator Jorge Fernando*, tamanha foi a sua influência sobre meu modo de atuar. Como encenador, tentei explorar sua rica personalidade, seu histrionismo e a incrível capacidade de estabelecer uma empatia imediata com a platéia", conta Alvisi. Participem! ❖

ENTREVISTA

Dolores e o glamour dos anos 50

Musa da dor-de-cotovelo em musical no CCBB

Foto: Bruno Veiga

Ela morreu com apenas 29 anos, em 1959. Mas em menos de três décadas de vida, Dolores Duran transformou-se em um dos maiores nomes da MPB. Além de um repertório eclético — samba-canção, bolero, baião e canções norte-americanas —, sua forma de cantar era tão moderna que muitos a encaram como a precursora da bossa-nova. Como compositora, deixou uma obra que inclui pelo menos 15 clássicos. ***Aplauso*** conversa com o encenador de *Dolores* (em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil), Antonio De Bonis, e com a protagonista Soraya Ravenle, indicada para o Mambembe de Melhor Atriz de 98 por sua atuação no musical infantil *Número, faz favor*. O diretor musical é Tim Rescala, criador dos arranjos e fã de carteirinha da cantora.

Depois de atuar como ator, você iniciou uma carreira de sucesso como diretor de musicais — *Lamartine pra Inglez Ver*, *Lamartine I* e *É no Toco da Goiaba*. De onde vem essa paixão?

De Bonis — Sou filho de italiano e durante a infância escutei óperas com meu pai. Depois, me apaixonei perdidamente pelos musicais norte-americanos.

A música já é uma constante em sua carreira, Soraya. Seu pai também ouvia muita ópera?

Soraya Ravenle — Provavelmente não tanto quanto o pai do De Bonis. Mas sempre adorei música, que estudei bastante, piano e teoria principalmente. Também fiz parte de um coral e minha irmã, Itamara Koorax, é cantora.

Você atuou em *Theatro Musical Brasileiro*, *Samba Valente de Assis*, *Metralha*, *Tuhu, o Menino Villa-Lobos* e *Viva o Zé Pereira*. Agora encara *Dolores*. Muito animada?

SR — Mais que isso: fascinada. Pela artista, que morreu tão jovem e deixou uma obra fantástica. E pela pessoa, que mesmo fazendo músicas meio deprê, era muito espirituosa e divertida.

DB — E o engraçado é que todo mundo acha que Dolores teve uma vida superatribulada, cheia de paixões tempestuosas. Não é nada disso. Ela foi casada uma vez, com o rádio-ator Macedo Netto, e depois que eles se separaram certamente teve outras pessoas, mas nada que virasse manchete de jornais.

Como vai ser o espetáculo? Mais voltado para sua vida pessoal ou para a cantora e compositora?

DB — O texto da Fátima Valença e do Douglas Dwight mostra um pouco da vida dela. Mas a prioridade da montagem é evidentemente sua atuação como cantora. Também vamos dar ênfase especial à época, muito glamurosa: Copacabana era uma referência, com suas boates, nigth-clubs e *crooners*.

Dolores tem alguma relação com a bossa-nova?

SR — Toda! Pela sua maneira de cantar, acabou sendo a pioneira na transição daquela batida típica do samba-canção para bossa-nova. E o que ela fez não é nada datado: ouvindo-a hoje, chega a ser impressionante a sua atualidade.

DB — Uma das coisas que mais me impressiona é o balanço que impunha às músicas. E como compositora é tão importante quanto Chiquinha Gonzaga. Acho que ninguém traduziu tão bem a tristeza e a dor-de-cotovelo como Dolores.

Quer dizer que a platéia já pode ir preparando os olhos e os lenços...

DB — Acho que sim. É muito difícil não se emocionar com clássicos como *A noite do Meu Bem*, *Ternura Antiga* ou *Por Causa de Você*. ❖

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Anta de Copacabana

Texto de Rafael Camargo sobre um surto de loucura vivido por uma anta. Com Rafael Camargo. Direção de Cristina Pereira. **Café Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco 290, Leblon). Fone: 239-4046. De terça a quinta, 21h. R$ 15.

A Dona da História

Comédia escrita e dirigida por João Falcão. A mesma mulher, aos 20 (Andréa Beltrão) e aos 50 anos (Marieta Severo), discutem apaixonadamente o destino comum. **Sala Fernanda Montenegro, Teatro do Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 20 (qui.), R$ 25 (sex. e dom.) e R$ 30 (sáb.)

Arte

Comédia de Yasmina Reza. Um quadro em branco dispara uma série de discussões turbulentas entre três amigos. Direção de Mauro Rasi. Com Paulo Goulart, Paulo Gorgulho e Pedro Paulo Rangel. **Teatro das Artes** (Shopping da Gávea, Rua Marquês de São Vicente, 52). Fone: 540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. (qui.), R$ 25. (sex. e dom.) e R$ 30. (sáb.)

As Noviças Rebeldes

Comédia de Dan Goggun ambientada em um convento nada tradicional. Direção de Wolf Maya. No elenco, Cininha de Paula e Fafy Siqueira. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 294-4480. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

As Três irmãs

De Tchecov. Obrigadas pelo pai a viverem numa cidade de província, três irmãs sonham em regressar a Moscou, um desejo difícil de realizar. Direção de Enrique Diaz. No elenco, Maria Padilha e Claudia Abreu. **Sala Marília Pêra, Teatro do Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. (qui.), R$ 25. (sex. e dom.) e R$ 30. (sáb).

A Primeira a Gente Nunca Esquece

Comédia musical de Marco Tozatto e Marcelo Saygon, com esquetes sobre o cotidiano. Gargalhadas e alto astral garantidos. Direção de Fafy Siqueira. No elenco, André Rangel e Leda Lúcia. **Teatro Sesc de Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160). Fone: 548-1088. Quinta às 17h e 21h, sexta e sábado às 21h, domingo às 20h. R$ 10.

A Vida é Sonho

Texto de Calderón de la Barca, ambientado na Polônia. Direção de Gabriel Vilella. Com Maurício Souza Lima, Silvio Kaviski e grande elenco. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 557-5533. Segunda a quarta, 20h. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 12. (seg. a qua.) e R$ 15. (qui. a dom.)

Boom

Texto de Luís Carlos Góis sobre um médium que incorpora várias entidades. Direção de Marcus Alvisi. Com Jorge Fernando, Marcello Barros e Carolina Rebello. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15. (qui.), R$ 20. (sex. e dom.) e R$ 25. (sáb.)

Bonifácio Bilhões

Comédia escrita e dirigida por João Bethencourt sobre um prêmio de loteria. Com Jorge Dória, Benvindo Sequeira e Solange Badim. **Teatro Miguel Falabella** (Norteshopping, Av. Suburbana, 5332, Del Castilho). Fone: 597-4452. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. (qui.e sex.) e R$ 25. (sáb. e dom).

E Aí, Comeu?

De Marcelo Rubens Paiva. Direção de Rafael Ponzi. Com Felipe Camargo, Marcos Winter, Tatu Gabus Mendes e Bianca Byington. **Teatro Clara Nunes** (Shopping da Gávea, Rua Marquês de São Vicente, 52) Fone: 274-9696

Como Matar Um Playboy

Comédia de João Bethencourt sobre o dono de uma loja que quer matar o genro. Direção do autor. Com Oswaldo Loureiro, André Matos e outros. **Teatro Barrashopping** (No Barrashopping, Barra). Fone: 431-9721. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 21h. R$ 15.

Dolores

Musical de Fátima Valença e Douglas Dwigt contando a vida pessoal e a carreira de Dolores Duran. Direção de Antonio De Bonis. No elenco, Soraya Ravenle e José Mauro Brant. **Teatro II do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, centro). Fone: 216-0223. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

Do Outro Lado da Tarde

Espetáculo baseado em dois contos de Caio Fernando Abreu. Direção de Gilberto Gawronski. Com Maria Maya e Susana Pires. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Sextas e sábados às 21h30, domingos, 20h30. R$ 15.

Gata em Teto de Zinco Quente

De Tennessee Williams. O drama de uma mulher rejeitada pelo marido, tendo como pano de fundo disputas familiares por uma herança. Direção de Moacyr Góes. Com Vera Fischer, Ítalo Rossi e outros. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). Fone: 232-8701. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 10. (qui., sex. e dom.) e R$ 15. (sáb).

EM CARTAZ

Lancelot

Texto de Claudio Althiery sobre as aventuras do famoso cavaleiro. Direção de Marcos Marcondes. No elenco, Luciano Szafir e Daniele Winits. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25. (qui., sex. e dom.) e R$ 30. (sáb.)

Minha Futura Ex

De Lina Rossana Ostrovsky. Comédia dramática passada num elevador enguiçado, onde um casal avalia seu relacionamento. Direção de Cecil Thiré. Com Cecil e Tereza Teller. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. Quarta a sexta, 21h30m. Sábado, 19h30 e 21h30. Domingo, 19h30. R$ 10 (qua.), R$ 15 (qui., sex. e dom.) e R$ 20 (sáb.)

Na Bagunça do Teu Coração

Musical de Claudio Botelho, tendo como ponto de partida canções de Chico Buarque de Holanda. Direção de Bibi Ferreira. Com Botelho e Claudia Netto. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 235-5348. Quinta, sexta e domingo, 21h30. Sábado, 23h30. R$ 15.

O Guardião do Túmulo

Único texto teatral de Kafka sobre a luta entre o novo e o velho. Direção de Eduardo Cabus. No elenco, Tânia Pires e Antonio Soller. **Teatro Bibi Ferreira** (Rua Visconde de Ouro preto, 78, Botafogo). Fone: 539-4591. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 12.

O Inventor da Memória

Texto de Filipe Hirsh e Guilherme Weber sobre a memória, a partir de cartas trocadas entre mãe e filho. Direção de Hirsh e atuação de Weber. **Teatro Gláucio Gill** (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). Fone: 547-7003. Quinta a domingo, 21h. R$ 15.

O Urso

Comédia de Tchecov que conta a história de um fazendeiro arruinado e uma jovem viúva em eternas discussões familiares. Direção de José Henrique. Com Sílvia Monte, Antonio Alves e Ricardo Leite Lopes. **Espaço 2 do Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10.

Os Sete Gatinhos

Texto de Nelson Rodrigues, polêmica certa. Direção: Moacyr Góes. No elenco, Leon Góes, André Valli, Thelma Reston. **Teatro Miguel Falabella** (NorteShopping, Av. Suburbana, 5352, Del Castilho). Fone: 595-8245. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 20 (qui. e sex.) e R$ 25 (sáb. e dom.)

PPP@WLLMSHKSPR.br.

De Jess Borgeson. Sátira da obra completa de Shakespeare. Direção de Emílio de Biasi. Com o grupo paulista Parlapatões, Patifes e Paspalhões. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

Salve Amizade

Comédia escrita e dirigida por Flávio Marinho, sobre um grupo de amigos que se reencontra após muitos anos. No elenco, Louise Cardoso e Cristina Pereira. **Teatro da Lagoa** (Av Borges de Medeiros, 1426). Fone: 219-3102. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$ 15. (qui. e dom.) e R$ 20. (sex. e sáb.)

Se meu ponto G falasse

Comédia de Patsy Cecato e Heloísa Migliavacca falando sobre o mundo feminino. Direção de Júlio Conte. Com as autoras. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$ 15.

Silêncio no Estúdio

Comédia já exibida anos atrás no Rio com o título *Algemas do Ódio*. Direção de Evandro Mesquita. No elenco, José de Abreu e Eri Johnson. **Teatro Vanucci** (Shopping da Gávea, Rua Marquês de São Vicente, 52). Fone: 239-8545). Quinta e sexta, 21h30. Sábado, 20h e 22h30. Domingo, 20h30. R$ 20. (qui.), R$ 25. (sex. e dom.), R$ 30. (sáb.).

Somos Irmãs

Musical de Sandra Louzada sobre a vida e trajetória artística das cantoras Linda e Dircinha Batista. Direção de Cininha de Paula e Ney Matogrosso. No elenco, Nicette Bruno e Suely Franco. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/nº, Centro). Fone: 221-1223. Quinta e sexta, 19h30, sábado 21h e domingo 19h30. R$ 12.

Um Equilíbrio Delicado

Drama em que Edward Albee disseca a moral americana através de um ajuste de contas em família. Direção de Eduardo Wotzik. No elenco, Tônia Carrero e Walmor Chagas. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 216-0233. De quarta a domingo, 19h. R$ 10.

Uma Noite na Lua

Abandonado pela mulher, um escritor sobe ao palco e tenta escrever uma peça sobre um homem que pensa. Texto e direção de João Falcão. Com Marco Nanini. **Teatro dos Quatro** (Shopping da Gávea, Rua Marquês de São Vicente, 52). Fone: 274-9895. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. (qui.), R$ 25. (sex. e dom.) e R$ 30. (sáb.)

SF SIMONE flores LTDA.
Avenida N. S. de Copacabana, 1313-b
Fone: 267-4396

Silêncio no Estúdio!

José de Abreu e Eri Johnson mergulham nos bastidores da TV

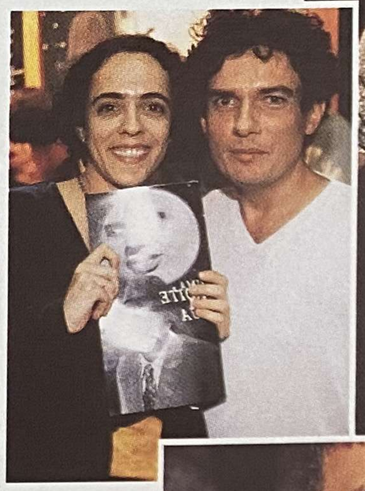
Um mergulho nas entranhas da televisão. A vida ao vivo congelada em capítulos, sem direito a edições, replays...qualquer corte sangra e respinga na primeira fila". Assim o diretor Evandro Mesquita define *Silêncio no Estúdio!*, texto de Terrel Anthony já apresentado no Rio com Miguel Falabella e José Wilker, e que na época chamava-se *Algemas do Ódio* — uma comédia que fez enorme sucesso e agora marca presença no Teatro Vanucci com Eri Johnson e José de Abreu. Ambientada num estúdio de TV onde está sendo gravado um novelão de época, a peça tem como protagonistas o ingênuo Gilson e o consagrado Gabriel. O primeiro é defendido por Eri Johnson: "O Gilson é tremendamente ingênuo, um cara sem qualquer experiência e que, a todo momento, dá uma mancada. Numa cena, por exemplo, ele fica tão impressionado com a atuação do colega que tem *um branco*", conta o ator.

Em contrapartida, Gabriel é famosíssimo no teatro, detesta TV e só está ali para ver se limpa a barra com a ex-mulher, também atriz do novelão e com quem aprontou muito. "Ele acha televisão um horror, vive brigando com o diretor e, a cada clima que provoca, a ex-esposa entra em delírio, louca para vê-lo se dar mal definitivamente", diz José de Abreu, que se mostra muito animado com a montagem: "Eu, o Eri e o Evandro somos de escolas inteiramente diferentes, mas é justamente esta salada bem temperada que confere um charme todo especial ao espetáculo". Complementando o elenco, duas jovens atrizes: Cassia Linhares e Dayse Braga. ❖

Foto: Guga Melgar

SPOT

Estréia de Uma Noite na Lua

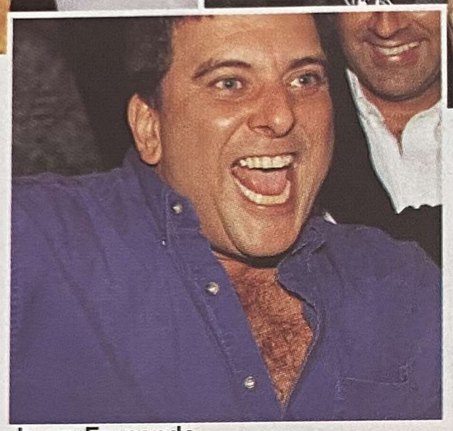


Sylvia Buarque e o diretor João Falcão

Dercy Gonçalves e Marco Nanini

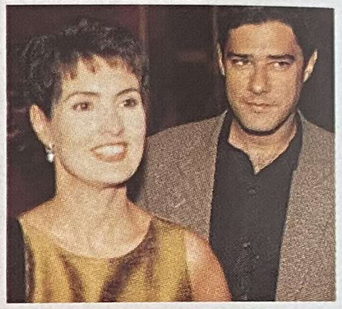
Inauguração do Teatro das Artes

Mauro Rasi, Bernardetti e Dias Gomes



Jorge Fernando

Fátima Bernardes e William Bonner



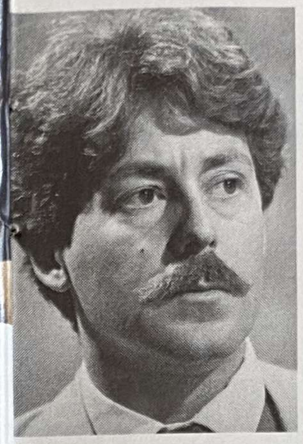
Fotos: Kiko Cabral e Cristina Granato

Betty e Paulo Goulart, Carlos Eduardo Dolabella e Nathália Timberg.

Norma Bengell e Paulo Gorgulho

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.



Os sete gatinhos

"Acho importantíssima essa montagem. Primeiro porque muita gente — especialmente a geração mais jovem — ainda conhece pouco ou simplesmente desconhece a obra de Nelson Rodrigues. E também porque Moacyr Góes captou muito bem a essência daquele universo desvairado, traduzindo-o cenicamente através de uma direção supercriativa, valorizando todo o humor do texto e aquele clima meio terrorífico que domina a família.".

Edwin Luisi, ator

Guga Melgar

Arte

"O texto é maravilhoso, além de ser raro ver em cena três homens falando de suas vidas. As discussões estéticas são bem menos importantes do que o lado humano, os conflitos que acabam detonando uma amizade de 20 anos. É inteligente e sensível a forma como a autora vai fazendo todas as máscaras caírem, até surgir a verdadeira face de cada um".

Stella Freitas, atriz

A dona da história

"A primeira surpresa foi com a Andréa Beltrão, já que eu desconhecia seu trabalho em teatro: ela é fantástica. A Marieta Severo eu já conhecia e admirava há muito tempo, e ela mais uma vez justificou minha admiração. A segunda surpresa ficou por conta da habilidade das duas: como é possível não se perder num texto que, embora ótimo, é cheio de idas e vindas? Outra coisa que me encantou foram os figurinos: o da Marieta é levemente envelhecido, para ressaltar a passagem do tempo. Um achado de grande sutileza".

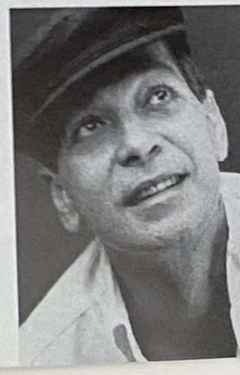
Ana Botafogo, bailarina

Uma noite na lua

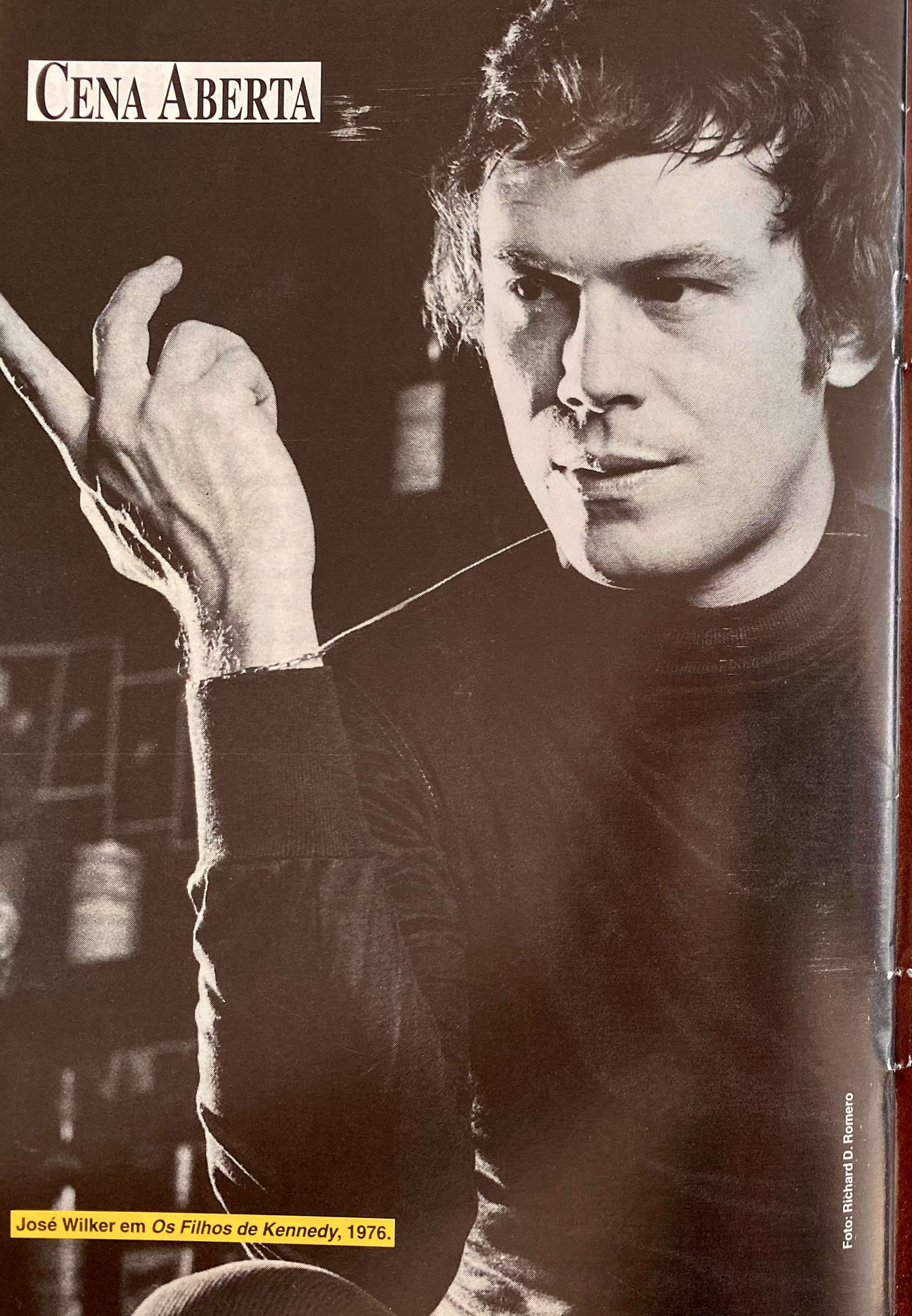
"É um dos melhores espetáculo que já vi, lançando mão com total êxito de uma série de recursos multimídia. A montagem de João Falcão está à altura do que de melhor se faz no mundo. Como autor, ele trilha um caminho da maior relevância, profundo em suas observações sobre o ser humano e original na forma como as expõem. Quanto ao Marcos Nanini, trata-se de um dos maiores atores deste país, com uma performance irretocável".

Gracindo Junior, ator

Guga Melgar



CENA ABERTA



José Wilker em *Os Filhos de Kennedy*, 1976.

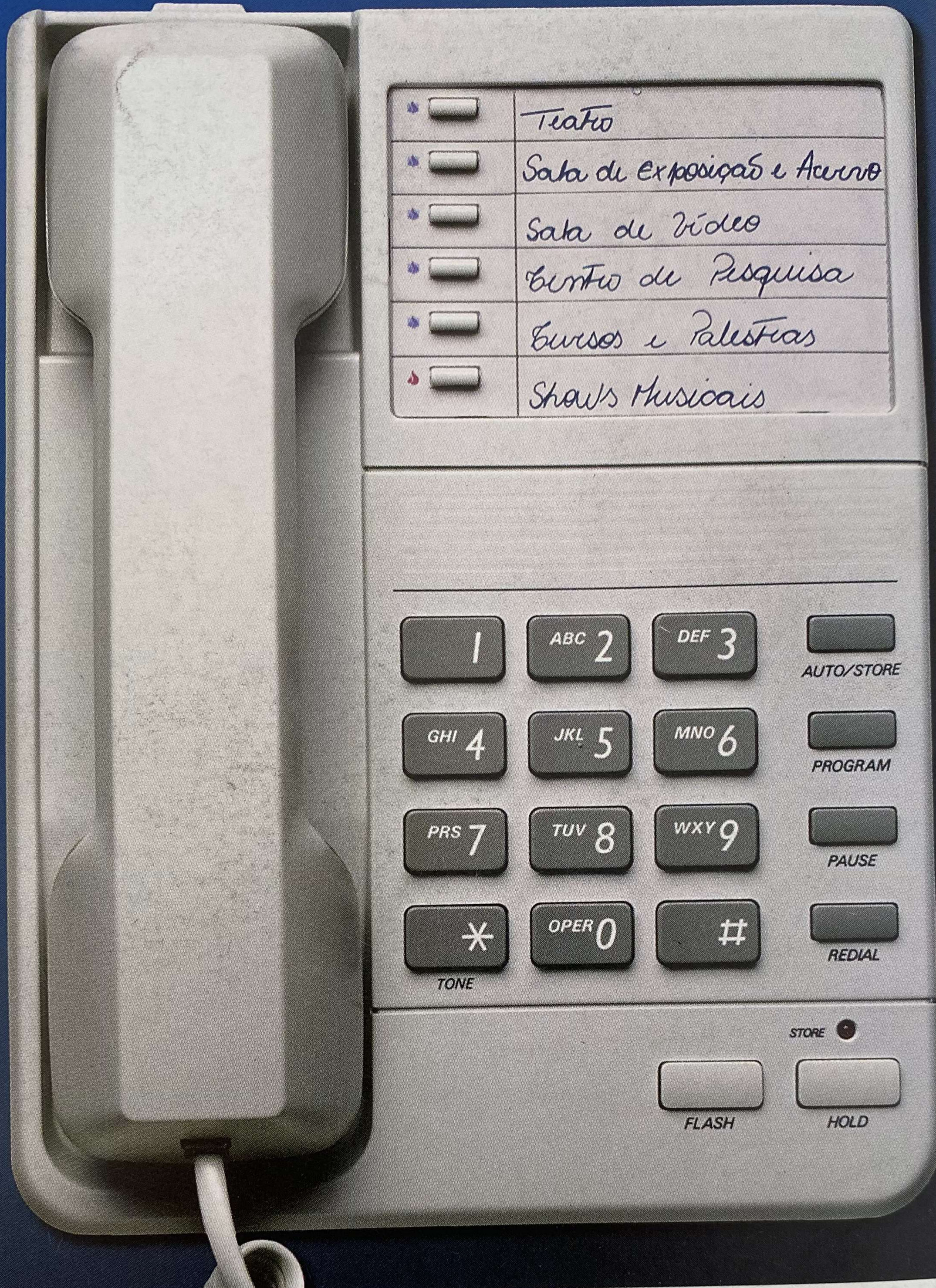
Foto: Richard D. Romero

APRESENTAMOS
MAIS UM GRANDE NOME
DO TEATRO BRASILEIRO:
MULTISHOW.

MULTISHOW. O CANAL BRASILEIRO
DE ENTRETENIMENTO.

Reserve seu lugar na programação de teatro do Multishow. São programas dedicados ao teatro brasileiro, como "Primeira Pessoa" - em que Sábato Magaldi recebe grandes nomes do meio cultural, como Fernanda Montenegro, Antônio Fagundes e Christiane Torloni - e "Registro" - que homenageia os maiores artistas do Brasil. Além de boletins diários falando do mundo do teatro, o Multisho participa também de eventos importantes, como o Festival de Teatro de Curitiba, promove espetáculos e apói diversas turnês pelo país. Quando se trata de cultura, o Multishow mostra o que há de melhor pra você

www.multishow.com.br



Abrigando parte da História do Brasil, o Museu do Telephone mostra a evolução da telefonia no País. Você encontra quiosques multimídia, coleção de telefones públicos e exposição de cartões telefônicos. O museu tem ainda o Teatro Estação Beira-Mar, sala de vídeo com extensa programação artístico-cultural, centro de pesquisas, shows musicais, palestras, cursos e visitas guiadas. Museu do Telephone. É a Telerj ligando você à cultura do País.

MUSEU DO TELEPHONE

Em linha com a cultura

TELERJ